

HISTÓRIA E CULTURAS

“A GENTE DO CARIRY TEM OLHOS NÃO TEM PESTANA”: DISPUTAS MÉDICAS PELAS NARRATIVAS EM TORNO DO TRACOMA NO CEARÁ A PARTIR DA REVISTA CEARÁ MÉDICO (1928-1931).

Zilda Maria Menezes Lima¹

Pablo Vitor Santiago Lima²

19

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19140006>

Resumo: Este trabalho tem por intuito estabelecer alguns níveis de compreensão acerca do Tracoma, uma oftalmia muito presente no sertão cearense e que mereceu uma certa repercussão no meio médico Alencarino observado na revista Ceará Médico, publicação do Centro Médico Cearense. Limitamos nossas percepções a partir de alguns debates observados nas páginas do periódico médico cearense entre os anos de 1928 e 1931.

Palavras-chave: Trachoma. Enfermidade. Ceará. Oftalmologia.

Abstract: This work aims to establish understandings about the passage of Trachoma, an ophthalmia present in the Ceará hinterland and with repercussions discussed in the Ceará Medical magazine, published by the Ceará Medical Center. The research is in the writing phase of the dissertation chapters and in this essay we seek to focus on the different perceptions expressed in the pages of the Ceará medical journal between the years 1928 and 1931.

Keywords: Trachoma. Illness. Ceará. Ophthalmology.

TRACHOMA: SINTOMAS E TENTATIVAS DE ENTENDIMENTO ACERCA DA DOENÇA.

Acerca da oftalmia conhecida como Trachoma no período em tela, sua sintomatologia é assim definida: *as pálpebras aos poucos vão se invertendo em direção aos globos oculares, os cílios, por sua vez, atiram-se com os olhos causando inúmeras lesões que aos poucos vão galgando a visão do enfermo em um processo que dura de meses até anos.* A enfermidade também conhecida como Tracoma ou Conjuntivite Granulosa, é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Chlamydia Trachomatis*, sendo atualmente a maior causadora de cegueira evitável no mundo

¹Professora Associada do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Ceará. Professora do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Especialidades da Universidade Estadual do Ceará (PPGHCE/UECE).

²Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Especialidades da Universidade Estadual do Ceará (PPGHCE/UECE).

HISTÓRIA E CULTURAS

20

(Brasil, 2001, p.6). É uma oftalmia silenciosa e transmissível que acompanha a humanidade desde os tempos das civilizações antigas.

Os primeiros possíveis registros da moléstia datam de 1556 a.C., em papiros das ruínas da Necrópole de Tebas que relatam uma oftalmia de comportamento patológico semelhante a conjuntivite. Posteriormente, em 60 d. C., o médico siciliano Pedonius Dioscorides nomeia a doença de Tracoma, que significaria “olhos ásperos”, em referência à formação de feridas nas córneas dos doentes causadas pelo atrito dos cílios tortos com o globo ocular, um dos sintomas principais da doença. Para Ros (1941 apud. Scarpi, 1991, p.1), o Egito já era um foco epidêmico da doença quando as tropas napoleônicas iniciaram uma campanha na região e após retornarem para a Europa, ficou constatado que as forças militares francesas haviam deixado um rastro de contaminação da doença, que naquele momento começava a se disseminar pela Europa. Décadas depois, a corrente migratória de europeus para os países americanos teria sido uma das principais causas da chegada da doença nos portos brasileiros.

No Ceará, parece ter sido a Revista Ceará Médico, do Centro Médico Cearense (CMC)³, a primeira a expressar e/ou chamar atenção de forma mais enfática sobre a moléstia. Porém, alto-síndices de tracomatosos no Cariri tenha sido tema de artigo do médico José Furtado Filho, para a Gazeta de Notícias ainda em 1918. O especialista em olhos formou-se em Salvador em 1915 e desde então passou a morar no Crato⁴. Em seu texto ele afirma:

Estimei em 80% o número de meus clientes tracomatosos e calculei que 40% dos cegos que existem no Cariri devem sua cegueira ao Tracoma. No cálculo dos cegos não entram, é claro, aqueles que ainda vêm alguma coisa, isto é os que possuem 1/10 da visão e estes constituem um grande número, creio que não erro dizendo que 20% da população do Cariri está nesse caso. (...) Posso afirmar, sem medo de contestação, que 40% da população do Cariri sofre de Tracoma e se o governo não tomar providências muito severas, pelo menos nas escolas, em breve será de 20 a 30% a mais. Em junho visitei as escolas do Crato e examinei todos os alunos, notei que quase 93% sofria de tracoma. (Filho, 1918, apud Vieira, 2018, p. 105-106).

Gadelha (2012,p.125) demonstra como o Centro durante as décadas de 1930 e 1940 se organizou para se estabelecer como a maior agremiação médica do Estado. Nesse sentido, o principal meio de divulgação das ideias dos acadêmicos, a revista Ceará Médico, é fundamental para

³ Agremiação médica criada em 1913 no intuito de expandir e organizar a presença médica no Estado, como um importante instituto que possibilita, através dos seus periódicos, compreender com certa intimidade as percepções e posicionamentos da maioria da classe médica cearense

⁴ José Furtado Filho formou-se em Salvador em 1915 e passa a morar no Crato após se casar com a filha de um rico comerciante local. Após o falecimento de sua esposa durante a epidemia de gripe espanhola, o médico abandona o Cariri. (VIEIRA, 2018).

HISTÓRIA E CULTURAS

entender a trajetória da doença bem como as principais discussões acerca do Trachoma no Ceará durante o século XX.

No tocante às preocupações médicas em torno do Trachoma, umas delas se configurava na afirmação que a conjuntivite granulosa ainda era assunto para debates científicos no tocante à sua atuação, contaminação, identificação e tratamento. Vale ressaltar que até 1957, quando os avanços nos estudos de isolamento microrgânico possibilitaram a descoberta do caráter bacteriano da moléstia, acreditava-se que a conjuntivite granulosa era causada por um vírus (Chaves, 1987, p.110).

Durante nossos estudos do acervo da revista Ceará Médico, observamos através das edições examinadas, que alguns médicos se destacam por apresentarem proximidade com determinadas especialidades. Entre as publicações das décadas de 1930 e 1940 da citada revista, o oftalmologista Hélio Góes Ferreira aparece na grande maioria dos artigos acerca da conjuntivite granulosa, como uma figura preocupada e engajada no tratamento da doença. Desse modo, compreendemos a necessidade de mostrar um pouco a trajetória de vida desse médico, não no intuito de reforçar ou construir uma narrativa em que o mesmo apareça como herói ou defensor incansável dos trachomatosos, mas reconhecer seus esforços e importância num contexto em que se buscava um melhor entendimento acerca da moléstia, sua profilaxia e tratamentos.

Hélio Góes Ferreira, natural do Ceará, graduou-se em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1924, com a tese “simulação em Oftalmologia”. Voltando ao Ceará no mesmo ano, iniciando então sua carreira como médico oftalmologista, constantemente informado das discussões oftalmológicas do seu contexto⁵. Após o fim da sua graduação, o seu interesse pela situação do tracoma já era notório:

Depois de diplomado em medicina e habilitado oculista pelos doutos mestres Moura Brasil e Gabriel de Andrade, vim para o Ceará ainda naquela convicção e bem satisfeito por vir contribuir com os nossos conhecimentos recém-adquiridos para o alívio de nossos patrícios sofredores de trachoma. Chegando ao Ceará, em conversa com oculistas e mesmo com colegas não especialistas, todos nos frizaram com certeza, que em Fortaleza já havia trachoma e que no Cariry o quadro era bastante desolador. (Ferreira, 1928, p.21).

⁵ Hélio Góes Ferreira também participou da fundação da “(...)Sociedade de Oftalmologia do Ceará, a clínica de Olhos do Instituto de Proteção à Infância do Ceará e a Casa de Saúde São Lucas, da qual foi Diretor durante 20 anos: Chefe da Clínica Oftalmológica da Santa Casa de Misericórdia, durante 45 anos, médico da Saúde Pública, hoje Secretaria de Saúde do Estado, Presidente da Entidade de Classe dos Médicos Oftalmologistas do Ceará e Diretor do Clube Iracema.” Transcrição da notícia do falecimento de Hélio Ferreira em 1976 no jornal O Povo, podendo ser consultada a partir do site da Sociedade de Apoio aos Cegos: <http://www.sac.org.br/instituto/PO760519.htm>

HISTÓRIA E CULTURAS

Em 1926, inicia sua carreira clinicando em Fortaleza. Diagnosticou uma volumosa cifra de pessoas vitimadas pela conjuntivite granulosa, levando-o posteriormente, a verificar a situação no sertão cearense:

Afim de verificarmos pessoalmente si o que diziam da existencia do trachoma no Cariry era verdadeiro, para lá nos transportámos em abril de 1926, e, clinicando durante cerca de seis mezes no Crato, pudemos com tristeza verificar, que a conjuntivite granulosa grassava intensamente no Cariry, apesar de lá já terem chegado os primeiros ensinamentos, com respeito á sua prophylaxia e tratamento, tendo já se modificado bastante a situação. Tendo ido assistir um casamento em Brejão, município de Barbalha, voltámos deveras impressionados com o número de trachomatosos, em todas as suas phases, que lá vimos. Basta dizer que, á distancia, pudemos verificar que de cerca de duzentas pessôas que estavam na capella na occasião da missa, cerca de 60% eram avariados pela terrível moléstia. (Ferreira, 1928, p. 21).

Os dados de Furtado Filho citados acima, distam uma década daqueles levantados por Hélio Ferreira e percebemos uma evolução significativa dos casos, pois de acordo com o último, em 1928 a porcentagem de tracomatosos atingia 50% da população do Cariri. (Ferreira, 1928, p.25). Além disso, é possível que a publicação do Código Sanitário de 1920 e a atuação do Serviço de Profilaxia Rural a partir deste mesmo ano, tenham impactado, em certa medida na capacidade de descoberta de novos casos.

TRACOMA: UMA NARRATIVA MÉDICA EM DISPUTA.

Observando um grande número de pessoas afetadas pela conjuntivite granulosa no Ceará, Hélio Góes Ferreira vai especializar-se no tema e assim será reconhecido no estado, com um grande espaço no periódico do Centro Médico Cearense comentando os aspectos e desenvolvimento da moléstia ocular no estado. Nesse sentido é que em uma de suas contribuições à revista Ceará Médico, o oftalmologista comentou a monografia do professor de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. Cezario de Andrade. Assim inicia o médico cearense

(...) chegou-nos às mãos uma monographia intitulada <<Sobre uma affecção ocular, endemica no Brasil, ainda não identificada>>, da auctoria do nosso coestedeano, competente professor de ophtalmologia da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. Cezário de Andrade. (Ferreira, 1928, p.21).

Segundo Dr. Helio Ferreira, o renomado oftalmologista baiano levantava a hipótese que a doença que grassava em número altíssimos no sertão cearense não era o Tracoma, mas sim, uma “pathologia indígena [...] denominação vulgar de *sapirangaou gorgomi*, com que batizaram nossa população sertaneja” (Ferreira, 1928, p.21). Andrade argumentava que a comum confusão que

HISTÓRIA E CULTURAS

23

ocorria no diagnóstico dessas doenças se dava principalmente pelo fato de “[...] muitos clínicos, pouco familiarizados com a clinica oftalmológica, guardarem a errônea convicção de que, no caso, se tratasse de trachoma [...]” (Ferreira, 1928, p. 22).

Ferreira vai rebater as afirmações de Cezario e tentar estabelecer a “verdade” sobre a doença. Evidentemente estava em jogo não somente a credibilidade de ambos como especialistas, mas também quem podia deter o poder de se pronunciar e tratar preferencialmente o tracoma no Ceará. Vejamos:

Não foram *clínicos pouco familiarizados com clinica oftalmológica* que estiveram no Cariri e observaram a grande porcentagem de trachomatosos, foram oculistas de nome, bem familiarizados com a conjuntivite granulosa, no exercício diário de suas clínicas, dentre os quais podemos destacar os nomes de Paula Rodrigues, Meton de Alencar, Castilho França, Leão Sampaio, Octacilio Macedo, Goes Ferreira, Belem de Figueiredo, Ephiaphanio de Carvalho, João Victorino, Fernandes Telles, Sergio Saboya e tantos outros que lá estiveram e ainda hoje clinicam. Que o leigo confunda *blepharite* ou *sapiranga* com trachoma, admitimos, mas que médicos oculistas do valor dos citados acima, estabeleçam essa lamentável conclusão, em tão grande proporção [...] não podemos de forma alguma concordar, e neste caso somos de opinião que o Dr. Cezario, empolgado pelo *blephro-mycose* que com tanta avidéz procurara, não quis observar convenientemente, apesar de ter percorrido, propositamente, o interior do Ceará, com o fim único de observar si, de facto as cifras apresentadas pelas estatísticas sobre a porcentagem de trachomatosos eram verdadeiras. Empolgado, ou melhor, de espírito prevenido, porque o prof. Cezario na sua peregrinação pelo interior cearense, afastou-se das estatísticas de todos os que lá andaram, discordou quase *in totum* dos diagnósticos de todos os oculistas cearense, [...].⁶ (Ferreira, 1928, p.22).

As afirmações do catedrático baiano parecem colocar em xeque o prestígio e a reputação dos oftalmologistas cearenses, mormente de Hélio Ferreira, e ainda poderiam, talvez, redefinir os modos de condução e enfrentamento da doença estabelecendo novos protagonistas neste drama sanitário. Hélio Ferreira, então, parte claramente em defesa da classe médica cearense (e dele próprio, claro) e elenca os motivos pelos quais discorda de Cezario de Andrade:

Referindo-se á nossa Capital, o Prof. Cezario no mesmo afan de negar a existência de trachomatosos no Ceará, assim se expressa: << No tocante á capital d’aquelle Estado (Ceará), vale referir que nos annos de 1924 e 1925, com a refôrma do ensino primário, que passou a ser dirigido por profissional paulista (julgamos que ha engano do Prof. Cezario quando se refere aos annos de 24 e 25, pois a reforma do ensino feita pelo Prof. Lourenço Filho foi no quatriennio Serpa, de 1920 a 1924) a inspeção escolar, motivou uma verdadeira mania de trachoma, alarmando-se justamente a população>>. (Ferreira, 1928, p. 22-23).

⁶ Esses termos grifados em itálico pelo autor do artigo de 1928, Hélio Góes Ferreira, são, em sua maioria, ou nomes científicos das doenças, ou trechos transcritos do trabalho do Dr. Cezario de Andrade, que Hélio Ferreira usa para fortalecer a sua argumentação.

HISTÓRIA E CULTURAS

Em posse do argumento assentado nos diagnósticos dos especialistas cearenses, Hélio Ferreira procurava evidenciar que Dr. Cezario estava profundamente equivocado. Baseado em inúmeros diagnósticos de diversos profissionais da área, que atestavam a alta frequência do tracoma no Ceará, afirmava ainda que a discordância com o médico baiano estaria ancorada numa visão do mesmo já cristalizada sobre a situação dos acometidos, posto que teria realizado sua pesquisa apenas para insistentemente provar aquilo em que acreditava.

Neste artigo, Hélio Ferreira informa também sua leitura da monografia de Cezario, deixando explícita sua insatisfação com o colega baiano após este negar a existência do Tracoma nas cifras informadas pelos companheiros de profissão que clinicaram no Cariri e entendê-las como um grande exagero, superdimensionadas pela opinião inflamada dos médicos cearenses e pelo temor da população local. No entanto, segundo Hélio Ferreira, o professor baiano não apresentou dados que pudessem reforçar o seu ponto de vista, o que notadamente fez Hélio Ferreira expressar alguns comentários em tom irônico: “Graças aos céos, o Ceará ainda não foi atingido pela conjuntivite granulosa... o Ceará tão infeliz, esteja isento de trachoma?” (Ferreira, 1928, p. 23). Entendemos que esse artigo, inicialmente, representa uma disputa pelo controle do discurso sobre a doença. Acerca dessa questão Ferreira e Traversini comentam:

Apoiando-se em suportes institucionais, a vontade de verdade é conduzida por práticas discursivas que são, por sua vez, reforçadas nesse jogo. O seu último produto, a verdade, ou melhor, a “verdade verdadeira”, também executa essa condução imanente ao ligar-se aos saberes e, assim, seguir os modos pelos quais esses são aplicados, valorizados, distribuídos, repartidos e atribuídos na sociedade. (Foucault, 2007 apud Ferreira, Traversini, 2013, p.213).

Ainda sobre o cenário do tracoma na capital, Hélio Ferreira ao comentar os estudos de Cezario, afirmava: “[...] do exame a que, então, procedi em centenas de crianças, nem um só caso verifiquei de trachoma, não podendo até hoje compreender semelhante fato.” (Ferreira, 1928, p.23). Essa fala citada diretamente da monografia do médico baiano, em artigo de Hélio Ferreira na revista Ceará Médico, é seguida de comentários que, aparentemente, possuem certo teor pessoal

O prof. Cezario não pode compreender, mas nós o podemos perfeitamente, - é que elle julgava que com a sua auctoridade de mestre, podia dizer o que bem entendesse, e todos haviam de ficar mudos diante das suas afirmações. [...] Conforme ouvistes meus nobres colegas, graças á divina Providência e para a nossa felicidade, segundo a opinião do Dr. Cezario de Andrade, não existe trachoma no Ceará, e, se existe é numa proporção mínima, o que há em demasia é uma *blepharo-mycóse*⁷ que os oculistas na sua ignorância confundem com

⁷ A *blepharo-mycóse*, mais comumente chamada de blefarite, é uma inflamação comum que afeta as pálpebras, ocasionando em coceiras e conseqüente vermelhidão. Porém, apesar de ser desconfortável, ela não causa danos permanentes à visão, diferentemente do caso do tracoma crônico. Fonte: <https://www.minhavidade.com.br/saude/temas/blefarite>. Acessado em 17/11/2020 às 20:00.

HISTÓRIA E CULTURAS

o trachoma, chegando ao ponto de verem em cada doente um trachomatoso, e constituindo isto uma *verdadeira mania!*... (Ferreira, 1928, p. 23).

Para Hélio Ferreira, era no mínimo curioso que inúmeros profissionais graduados e com larga experiência na área da oftalmologia, não soubessem distinguir os sintomas físico-patológicos que diferenciavam as duas doenças

Admitindo-se mesmo a hipótese de erro no diagnóstico de trachoma, é crível que um oculista não saiba diagnosticar um entropio, um leucoma, um pannus ou uma úlcera córnea? Não, não é crível, neste caso, qual a afecção responsável? Será a blepharite ulcerosa ou Saperanga? (Ferreira, 1928, p. 23).

Questionando abertamente os resultados apresentados pelo professor Cezario acerca da doença no Ceará, Hélio Ferreira vai apresentar referências bibliográficas que caracterizem tanto a blefarite quanto o tracoma:

Fuchs, em seu <<Manuel d'Ophtalmologie>>, discorrendo sobre o modo como terminam as blepharites, á página 633, diz: <<A blepharite se distingue por sua mancha eminentemente chronica durando ás vezes annos. Quando dura muito tempo, acarreta sobre si mesma, de um modo desfavorável, uma serie de consequencias, assim discriminadas: 1º Catarro chronico da conjunctiva. 2º Destruição definitiva dos cillios e sua desaparição quasi completa, dando-se a isso o nome madarosis. 3º Falsa posição do cillios - trichiasis. 4º Espessamento do bordo livre das pálpebras, principalmente da superior - tylosis. 5º Ectropio da pálpebra inferior e reviramento dos pontos lacrymaes. Vejamos agora o que diz o mesmo Fuchs sobre a conjuntivite granulosa, á página 80 de seu livro: << Quanto ás perturbações da vista que se queixam muitos doentes, resultam de uma complicação para o lado da cornea. Essas perturbações se apresentam de duas formas, de pannus e de úlcera, apresentando-se as duas, ás vezes, ao mesmo tempo>>. Mais adiante, á pagina 82, vemos: Nos casos de trachoma maligno, as alterações affectam, de um lado a conjunctiva e as pálpebras e do outro a cornea. 1º Encurvamento das pálpebras (entropio) e posição defeituosa dos cillios (trichiasis). Deve-se notar entretanto que o desvio dos cillios só se dá em seguida ao entropio, sendo pois uma sua consequencia, segundo se deduz das palavras de Fuchs: << o resultado immediato do encurvamento da pálpebra, é modificar a direcção de seu bordo livre e dos cillios que ahí acham implantados.>>(...) Resumindo o que dizem os mestres, opinamos em que na maioria das vezes a blepharite em sua phase final, determina o desvio dos cillios (trichiasis), queda total dos mesmos (madarosis) e reviramento da pálpebra inferior para fora (ectrópio). (...) Assim sendo, como pois confundir trachoma com blepharite e responsabilizar a ultima pelos innumerados casos de entropios, leucomas extensos, de keratites pannosas, de úlceras da córnea, quando na verdade, sómente ao trachoma cabe a responsabilidade unica d'essas tristes consequencias, como provam todos os mestres e a pratica diariamente nos ensina?! Como deante de tanto pannos, de tanto entropio, pode o Prof. Cezario diagnosticar sómente blepharite, deixando á margem a conjuntivite granulosa? (Ferreira, 1928, p. 23-24).

As afirmações do professor Cezário em sua monografia são consideradas tão graves por Hélio Ferreira, que ele não temporiza: "(...) ou não quiz vêr com olhos de mestre no assumpto ou então quiz lançar sobre a classe médica do Ceará a pecha de ignorantes, incapazes de differenciar uma blepharite de uma conjuntivite granulosa." (Ferreira, 1928, p. 24).

Hélio Ferreira também procurou respaldar suas afirmações apresentandoos dados censitários mais recentes sobre a disseminação do tracoma nas crianças escolares e em outros grupos feitos por agentes do Estado:

HISTÓRIA E CULTURAS

O Dr. Gavião Gonzaga, ex-chefe do Serviço de Saneamento Rural no Ceará, em uma conferência lida em sessão de 28 de maio de 1924, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, sob o título <<Problema das Endemias Rurais no Ceará>>, além de outras considerações sobre o trachoma no Ceará, assim se expressa: <<Um facto impressionante que exige o nosso cuidado, é a inspeção médica-escolar systematica, visto como a percentagem nas creanças escolares é avultuada, tendo atingido em algumas cidades, como Crato, Barbalha e Joazeiro, ao espantoso índice de 86,4%, 87,2% e 84,3%, respectivamente>>. (Ferreira, 1928, p.24).

26

O acadêmico cearense afirmava que as consultas realizadas em Fortaleza pelos médicos eram registradas em livros especiais e, em análise dos números de pacientes apontados, verificou que de 20% do número de pessoas que foram consultadas foram diagnosticadas com tracoma. Esse estudo, feito a partir da clientela de consultórios particulares, configurava um estudo estatístico acerca, principalmente, de “[...] indivíduos que podiam frequentar o nosso consultório, portanto, doentes que pagavam e neste caso doentes cujas condições de hygiene e de conforto eram já bastante melhoradas, [...]” (Ferreira, 1928, p. 25). Nesse interim, coube ainda por parte de Hélio Ferreira tecer comentários acerca das acusações dos índices numéricos do tracoma serem um exagero estatístico:

Não é exagero dizer-se, sr. Presidente.⁸ Que no Cariry a percentagem de trachomatosos é mais 50%, elevando-se ainda mais em determinadas regiões. [...] apelamos para o Prof. Cezario de Andrade, afim de voltar ao Ceará, demorar algum tempo no Cariry, observar com attenção qual a doença dos olhos que mais grassa naquella região, e depois vir nos dizer, si suas afirmações estão ou não aquém da verdade. (Ferreira, 1928, p.25).

Desse modo, não parece sensato ou provedor de algum beneficio para os médicos cearenses, inflar os dados do tracoma no Estado, pelo contrário. A negação do problema aparentava ser a alternativa mais favorável aos médicos, em questão de prestígio ou padrões sanitários. Por isso, ao que parece, a defesa de Hélio Góis Ferreira é lógica. Nesse sentido, o próprio oftalmologista comenta:

Sr. Presidente: Achamos que patriotismo não é negar os nossos males, pelo contrario é aponta-los aos governos e responsáveis pela causa publica, pouco nos importando que o estrangeiro diga que somos um povo doente e que exportamos as nossas doenças para as suas terras. (Ferreira, 1928, p.25.)

Assim, o artigo de Hélio Ferreira Gois é concluído, informando que a situação da doença nas camadas inferiores era ainda mais desoladora e que, seria um dever extremamente patriótico, além de reconhecer os problemas de saúde pública locais, lutar pela erradicação dessas doenças:

[...] E qual o povo que não é doente? Haverá no mundo quem tenha esse privilégio? Diga-se que somos um povo doente, mas que sabemos conhecer e tratar os nossos males, defendendo-nos contra as suas investidas, e assim faremos obra de patriotismo, mostrando ao mundo que somos um povo culto, marchando na vanguarda dos povos civilizados. (Ferreira, 1928, p.25).

⁸ Aqui Hélio Góis Ferreira, como em outros momentos do texto, clama a atenção do Presidente da CMC da época, Dr. Fernandes Távora.

HISTÓRIA E CULTURAS

É oportuno comentar que corriqueiramente nos deparamos com comentários da ordem do citado por Hélio Ferreira. Havia uma forte defesa do lugar que o Brasil deveria ocupar dentre os estados civilizados e nesse sentido, era dever urgente ampliar as fronteiras da civilização através da ciência. Frequentemente, o médico é apontado como um personagem ativo na luta contra diversas doenças oculares. Em 1942, fundou a Sociedade de Apoio aos Cegos, também chamado de Instituto dos Cegos, reforçando seu papel de personagem fundamental na história da saúde pública oftalmológica no Ceará

Em um artigo publicado na edição de abril de 1931, da revista Ceará Médico, Hélio Ferreira retoma a discussão acerca do mal do tracoma:

Nunca é demais que se escreva e se chame a atenção dos poderes públicos, para essa doença de tão funestas consequências, e é por esta razão que vimos ferir tão magno assumpto, de tanta importancia para nossa economia, como para o futuro de nosso povo. O Ceará ocupa o 2º lugar na estatística da cegueira, é assim que em 10.000 habitantes, 15,16 são cegos, entes portanto inutilizados para o trabalho activo e peso morto na balança economica do Estado. (Ferreira, 1931, p. 1).

Em seguida, o acadêmico chama a atenção para a tese do médico Fernando Leite, formado pela Escola de Medicina da Bahia. Esta, também, procurava contestar o trabalho de vários oftalmologistas que clinicaram no Ceará, de forma bem similar ao caso da monografia do Dr. Cezario de Andrade. Diferente do artigo resposta ao professor Cezario de Andrade publicado em 1928, aqui Hélio Ferreira Góis primeiramente parabeniza o recém diplomado e introduz o tópico com admiração: “(...) antes de mais nada damos os nosso parabens pelo brilhantismo de seu trabalho, que é, sem favor uma belíssima contribuição ao estudo do trachoma, e agradecemos a oferta que muito nos desvaneceu.” (Ferreira, 1931, p.1). Feita essa introdução e sem mais delongas, o acadêmico inicia sua sabatina:

O auctor da these sobre o Trachoma e o Sapyranga no Cariry naturalmente inspirado pelo seu illustrado mestre Prof. Cezario de Andrade, diz a pagina 16 o seguinte: << Na última viagem nossa ao Ceará, demoramos alguns dias em Fortaleza, onde percorremos varios Grupos Escolares. Não se nos deparou, ali, uma unica creança portadora de trachoma vero>>. (Ferreira, 1931, p.2).

Além disso, Fernando Leite afirmava que os casos observados por diversos médicos seriam, na realidade, uma série de outros tipos de conjuntivite, causadas principalmente pela ação da luz solar intensa nas pálpebras dos moradores da região. Tal afirmação do médico Fernando Leite, não foi bem recebida por Hélio Ferreira que, sentindo-se ofendido pelo colega de profissão, proferiu sua defesa com certa ironia:

Ora, o Dr. Fernando Leite, em sua ultima viagem ao Ceará, percorreu quasi todos os Grupos Escolares de Fortaleza em nossa companhia, e, temos certeza, mostramos-lhe e elle comnosco concordou, trachoma em todas as suas phases, florido, granuloso, cicatrical, etc.

HISTÓRIA E CULTURAS

[...] Como então o Dr. Fernando Leite que nos deu a honra de sua companhia na Inspeção em alguns Grupos diz < não se lhe haver deparado uma única creança portadora de trachoma vero?!> Segredos da natura!!... Naturalmente. (Ferreira, 1931, p. 2).

Fernando Leite afirmava aindaque, na realidade, a Sapyranga é a oftalmia de maior expressão no Cariri e ressalta ainda a confusão feita pelos profissionais que aqui clinicavam:

Abordaremos, especialmente, a diferenciação diagnóstica da sapyranga com o trachoma, para cujo estudo empregamos grande parte dos nossos esforços, levando-nos a tanto a lamentável confusão existente entre essas duas affecções oculares, diagnosticadas e tratadas, por ahi além, quasi que invariavelmente, como uma só e mesma entidade mórbida. (Ferreira, 1938, p. 3).

Sua monografia, evidentemente, foi logo procedida de comentários de Hélio Ferreira, indagando em tom aparentemente indignado:

Lamentavel, pode demais, é o Dr. Fernando Leite dizer que a sapyranga é a calamidade máxima da região do Cariry. Onde está o trachoma com todas as suas desastrosas consequências e com o seu immenso cortejo de cegos?! Será que o Dr. Fernando Leite escrevendo uma these sobre o trachoma no Cariry não o observou por lá?! E' o que parece, pois quem se expressa da maneira acima dar a entender que o trachoma no Cariry póde-se dizer que não existe ou é raro. Onde o Dr. Fernando Leite culminou em negar a existência do trachoma no Cariry é no ultimo capítulo do seu trabalho, tratando da distribuição geographica daquella terrível moléstia. E' assim que passando em Missão Velha não diz se lá viu algum trachomatoso, pois são estas as suas palavras: << Em Missão Velha, a mais antiga e tradicional cidade do Cariry, predomina a sapyranga>>. No Crato, encontrou << alguns casos de trachoma ao lado da blepharite ulcerosa>>. No Joazeiro, de inicio diz o illustre collega que << existem indivíduos portadores de conjunctivites, entre as quaes o trachoma, predominando, porem, a sapyranga,>> mas, adeante traz em seu apoio a Dra. Josephina Peixoto e <<nega a existência do trachoma naquella cidade do Cariry>>. (Ferreira, 1931, p. 3).

Prosseguindo com os seus comentários, o autor denotava um certo descontentamento com a já repetida tentativa de médicos considerados por ele alheios à realidade do Ceará, em procurarem desqualificar as análises e os diagnósticos feitos pelos médicos cearenses:

Positivamente, se o Dr. Fernando Leite não fosse filho do Cariry, avançaríamos sem medo de errar que elle nunca tinha pizado em solo Cariryense, pois, negar a existência de trachoma no Joazeiro e no sitio Brejão é querer tapar o sol com a mão e ir de encontro com a opinião de todos os oculistas que lá tem andado, salvo o seu illustre mestre Prof. Cezário de Andrade. É uma triste reivindicação para o Ceará esta porque me venho batendo desde que aqui cheguei. (Ferreira, 1931, p. 3).

Hélio Ferreira também reforça seu argumento com o testemunho do Dr. Herminio Conde, famoso oftalmologista que no final da década de 1950, auxiliará no desenvolvimento do aparelho diatérmico para o tratamento do tracoma (Vieira, 2018, p. 109), nos Annaes de Oculistica do Rio de Janeiro:

E' deste modo que elle se expressa: << O alto gráo de endemicidade a que attingiu o trachoma no norte do Brazil, fazendo prefigurar para breve a época em que essa região esteja convertida em authentico Egypto de granulosos, creou uma situação de indisfarçável gravidade, aliás de ha tempos antevista mesmo por leigos no assumpto. Situação que não deve, nem pode mais, ser escondida pelo falso patriotismo quando se acha fartamente divulgada no mundo scientifico internacional, através da << Revue du Trachome>> das exaustivas

HISTÓRIA E CULTURAS

monographias de Morax, Cuenod, Amat, Pararcone, e das Encyclopedias de Ophtalmologia. (Ferreira, 1931, p. 3-4).

Nesse sentido, percebemos os esforços de Hélio Ferreira em defender os médicos que trabalhavam no Ceará, procurando também assegurar suas afirmações e análises, garantindo a força do seu discurso, reforçando a necessidade de tanto o Estado quanto a população, encontrarem na medicina, um local, um pilar de sabedoria e estabilidade. O acadêmico finaliza o seu texto reafirmando a presença do Tracoma no Cariri e lembrando o dever patriótico da ação sanitária e médica:

Fastidioso por demais, seria transcrevermos trechos de relatórios e monographias de todos os oculistas que andaram no Cariry, unanimes em affirmar a existencia de trachoma em toda aquella vasta região. E' com intuito verdadeiramente patriótico que fazemos essas considerações a respeito do trachoma em nossa terra, procurando sempre que se nos offerecer oportunidade, chamar a atenção dos poderes publicos para o magno problema da saude do nosso povo tão digno de melhor sorte. (Ferreira, 1931, p.4).

Posteriormente, na edição do mês de maio de 1931, um mês depois, figura um artigo intitulado: “Ligeira reposta ao Dr. Helio Goes” de autoria do já citado oftalmologista Dr. Fernando Leite que inicia seu texto da seguinte forma:

Começamos de agradecer, ab imo corde, as palavras de parabéns que o nosso ilustre collega, mui gentilmente, se designou de nos dirigir pela feitura de nossa these de doutoramento a qual outra coisa não representa sinão o desejo que sempre acalentamos de fazer algum bem á terra onde nascemos. Lamentamos, sobremodo, a negligencia com que a o Dr. Helio leu o nosso trabalho, S.s, de certo, atarefado com as dificuldades da vida clinica, não dispoz de tempo precioso para ler a nossa these atentamente. Fe-lo, de relance, mecanicamente. D'ahi a justificativa de seus argumentos infundados no contestar alguns topicos do nosso trabalho, palmilhando, por isto, terreno demasiado escorregadio. (Leite, 1931, p. 13).

Em seguida, o oftalmologista recém-formado procura utilizar o espaço concedido a ele na revista para defender o seu ponto de vista, bem como esclarecer alguns tópicos que, segundo ele, foram mal compreendidos pelo Dr. Hélio Góes Ferreira. Nesse sentido, sua argumentação começa:

A' pagina 16, escrevemos: - Na ultima viagem nossa ao Ceará, demoramos alguns dias em Fortaleza onde percorremos vários grupos escolares. Não se deparou, ali, um único caso de trachoma véro. - Quando nos externamos deste modo, não negamos a existência de trachoma em Fortaleza. Sim, asseguramos que, nos poucos grupos que frequentamos (e não em quase todos os grupos como assevera o Dr. Helio) apenas, registramos casos de conjunctivites folicular e estival, muitos dentre elles, infelizmente, diagnosticados pelo meu nobre amigo como conjunctivites granulosas, fazendo assim, pesar, em muito, as estatísticas de trachomatosos nesta formosa cidade nortista. (Leite, 1931, p. 13).

Desse modo, o Dr. Fernando Leite afirma que os dados apresentados pelo acadêmico do CMC são, na verdade, casos mal diagnosticados acerca da conjuntivite granulosa, tentando fazer crer que os índices de Tracoma na capital eram menores que aqueles que Hélio Ferreira levantara. O autor do artigo ainda esclarece suas intenções: “Revotamo-nos, muito de direito, contra as estatísticas exageradas, não; porém, contra a existencia do trachoma nesta capital.” (Leite, 1931, p.13). O

HISTÓRIA E CULTURAS

30

médico ainda explica os motivos pelos quais não expressou de forma mais enfática sua oposição às inspeções realizadas pelo Dr. Hélio:

Não nos ficaria bem, naquele tempo, a nós mal iniciado nos dedalos das ciencias hipocraticas, promover uma chuva de protestos ante os seus diagnósticos, uma vez que não queríamos contrariar os sagrados direitos da hospitalidade que S. Sai. Tão cordial e boamente nos soube dispensar. (Leite, 1931, p. 14).

Por fim, Leite continua a defender que sua tese não tinha intuito de negar a presença do Tracoma no estado, mas de afirmar a presença ainda maior da Sapyranga, outra oftalmia presente o Cariri:

Não há por onde se possa negar á sapyranga o lugar primeiro entre as demais moléstias oculares que devastam a região cariryense. Que diga o povo, na sua inconstestavel sabedoria: Lá vem um carro cantando / Cheio de olhos de canna, / A gente do Cariry / Tem olhos não tem pestana. / E' mais fácil o mar secca / E o sol perder o seu clarão / Do que a o <<Posto>> acabar / Sapyranga no Brejão. (...) Ficamos, aqui, esperando do bondoso coração do Dr. Hélio, a gentileza de ler a nossa humilde these com mais vagar para que, assim, não volte a nos acusar de faltas que jamais cometemos. (Leite, 1931, p. 14).

É possível observar como o exercício da medicina era (e é) algo muito maior que uma prática profissional. Desde o seu primeiro artigo à Ceará Médico em 1928, o Dr. Hélio deixava claro que, em seu entendimento, a classe médica cearense foi protagonista em um importante movimento para salvar as vidas e atenuar os males de diversas pessoas:

Como todos sabem, póde-se dizer que em Fortaleza não há assistencia pública e que se não fôra a iniciativa particular, o nosso desprendimento e amôr ao próximo, o que seriam dos pobres doentes de nossa infeliz terra? Quanto á assistencia aos doentes de affecções oculares, a não ser uma enfermaria na Santa Casa, chefiada pelo dr. Meton de Alencar e ambulatorio do Instituto de Proteção á Infancia, dirigido pelo Dr. A. de Góes Ferreira e auxiliado por nós, nada mais se tem feito em seu favor, continuando o trachoma e a oftalmia purulenta a cegar irremediavelmente innumeradas creaturas, victimas indefezas do abandono em que vivem por parte dos poderes públicos. (Ferreira, 1928, p. 25).

É possível inferir que a defesa do discurso em torno do tracoma no Ceará, não se dava apenas da defesa de nichos de especialização médica, mas também se dava a partir da tentativa de deslegitimar o discurso opositor, com base na própria lógica de argumentação científica e racional, no caso, aos trabalhos de Cezario de Andrade e Fernando Leite. Logo, observamos como os artigos e discussões observados na Revista Ceará Médico, contribuirão futuramente para a formação de um discurso médico atuante enquanto uma possível ferramenta sanitária no controle do corpo e da vida da população. No seu artigo de 1931, Hélio Ferreira ressaltava:

[...] não é negando a existência de uma doença que se faz a sua erradicação de uma determinada localidade; é preciso que se diga e se chame a atenção de todos os que se interessam por uma Pátria sádia e progressista, para o grandioso problema da erradicação do trachoma do nosso Estado. (Ferreira, 1931, p. 3).

HISTÓRIA E CULTURAS

Alguns artigos da revista Ceará Médico incluem uma nota explicativa logo após o seu título, como no caso do artigo de Hélio Ferreira: “Lido em sessão do CENTRO MÉDICO CEARENSE em 19 de outubro, e de publicação acordada por unanimidade dos votos” (Ferreira, 1928, p.20). Além disso, podemos inferir que os textos traduzem, pelo menos de forma satisfatória, os anseios e perspectivas dos membros do CMC.

Outra questão pertinente são os altos índices do tracoma no Ceará que vão se arrastando ao longo da década de 1930 e, repetidamente, mencionados por Hélio Ferreira em artigos na revista Ceará Médico, sempre alertando a comunidade médica e conclamando a mobilização para o combate à essa enfermidade. Em 1935, as suas atenções se voltaram para a situação dos escolares da região do Vale do Cariri que diante das condições do ambiente escolar, figuram em um espaço onde o tracoma se faz largamente presente. Porém, é em um artigo de 1938, que Hélio Ferreira, denotava frustração com os rumos que a saúde pública cearense tomava, em virtude da postura dos poderes públicos diante da doença: “Sabemos, pois, há muito se diz que o foco primitivo do Tracoma no Ceará, é o Vale do Cariri; e quais providências tomadas no sentido de erradicar tão insidiosa moléstia? Nenhuma.” (Ferreira, 1938, p.6).

O descontentamento do CMC em relação aos esforços públicos de saneamento vem principalmente do fato que sobretudo, durante as três primeiras décadas do século XX, as discussões e clamores pelo saneamento dos sertões foram se intensificando, principalmente a partir das denúncias que os artigos e relatórios de diversos médicos pelo Brasil apresentavam sobre a realidade sanitária rural. (Lima e Hochman, 2000, apud Gadelha, 2012). Logo, é interessante observar como Hélio Ferreira não considera satisfatório o desempenho dos serviços de saúde e saneamento realizados pelo Estado, o que põe em xeque afirmações efetivas de saúde pública no Ceará na primeira década do século XX.

Referências

ALBERNAZ, Mangabeira. O Trachoma no X Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. In: **Brasil-Médico**, Rio de Janeiro, 1929. p. 845.

BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de Controle do Tracoma**. Brasília, 2001.

CHAVES, Amélia Fortunato. Chamlydia trachomatis na patologia médica. In: **Revista Patologias Tropicais**. V. 16, n.2. jul./dez. 1987. P. 109-128.

FERREIRA, Hélio Góes. Considerações em torno do tracoma no Ceará. In: **Ceará Médico**, Fortaleza, v.10. n.4. 1928. p. 20-25.

HISTÓRIA E CULTURAS

- FERREIRA, Hélio Góes. Considerações em torno do tracoma no Ceará. In: **Ceará Médico**, Fortaleza, v.10. n.4. Abril de 1931.
- FERREIRA, Hélio Góes. O problema do tracoma nas escolas do Ceará. In: **Ceará Médico**, Fortaleza, nº 7, 1938, p. 5- 16.
- GADELHA, Georgina da Silva. **Sob o signo da distinção**: formação e atuação da elite médica cearense (1913-1948). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Ciência e da Saúde.
- GARCIA, Ana Karine Martins. Ceará Médico: análise e estudo da revista do Centro Médico Cearense (1913-1935). In: **Simpósio Nacional de História**, 27, Natal - Rio Grande do Norte, 2013.
- HOCHMAN, Gilberto. Saúde Pública e Federalismo: Desafios da Reforma Sanitária na Primeira República. In: Gilberto Hochman; Carlos Aurélio Pimenta de Faria. (Org.). **Federalismo e Políticas Públicas no Brasil**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013, v. 1, p. 303-327.
- HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações da saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol,6, n.11, 1993, p.40-61.
- LEITE, Fernando. Ligeira reposta ao Dr. Hélio. In: **Ceará Médico**, Fortaleza, vol. 10. n. 5. Maio de 1931.
- LIMA, Nísia T.; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos C.; SANTOS, R.V. (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil, p.23-40. 1996.
- LIMA, Zilda Maria Menezes. **Grande polvo de mil tentáculos**: a lepra em Fortaleza (1920- 1942). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História.
- PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. 1950. Ed.fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009.
- ROS, A. **El tracoma, rebelde y milenario**. Mexico, Cultura, 1 941,172p.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARTSMANN, Leonor C. Baptista. O fenômeno imigratório e o controle do tracoma: repercussões da doença: In: **História em Revista**, Pelotas, n. 26/1, p. 146-162. 2020.
- SCARPI, Marinho Jorge. História do Tracoma no Brasil. In: **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia**.1991.
- VIEIRA, José Flávio. E o sol perdeu seu clarão! A Névoa do Tracoma no Cariri Cearense. In: **Revista do Instituto do Ceará**. p. 92-113. 2018.